

FAMÍLIA GUSMÃO: DO COLÉGIO JESUÍTA ÀS IDÉIAS ILUSTRADAS DO SÉCULO XVIII.

Vanessa da Silva Albuquerque
vanessa.alb@gmail.com

Resumo: Este artigo é um desenvolvimento do trabalho realizado no curso de Mestrado, na linha de pesquisa referente à Política e Sociedade, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Está em fase inicial, desta forma, serão apresentados o objeto, as perspectivas e a trajetória das pesquisas desenvolvidas, até o presente momento, sobre uma família de Santos da primeira metade do século XVIII que em apenas uma geração deixou de ser conhecida como Família Lourenço e passou a ser chamada de Família Gusmão.

Abstract: This article is a development of the work realized in the Master's course, in the research line concerning Politics and Society, by UERJ. This paper is in its initial phase, therefore, it will be presented the object, perspectives and the trajectory of developed researches only until this moment. It's about a family from the first meddle of the eighteen century, which, in just one generation, stopped to be known as Lourenço Family and started to be called as Gusmão Family.

A família Gusmão era proveniente da vila do Porto de Santos, hoje cidade de Santos. Teve como seus progenitores Francisco Lourenço, original do Porto, *cirurgião-mor* do presídio desta vila, e D. Maria Álvares, original da própria vila do Porto de Santos, ambos eram de origem cristã-velha. Desta união nasceram doze filhos sendo eles do mais velho ao mais moço: Domingas Gonçalves (nascida em 1680), Simão Álvares (1682), Maria Gomes (1683), Bartolomeu Lourenço (1685), Joana Gomes (1688), Patrício de Santa Maria (1690), Paula Maria (1692), Arcângela da Conceição (1693), Alexandre de Gusmão (1695), Brigida Monteiro (1698), Inácio Rodrigues (1700), João Álvares de Santa Maria (1703).

O trabalho propõe abordar a questão das redes de sociabilidade que se formaram dentro e fora da família Gusmão. Os membros desta família, ao longo de suas vidas trilharam diferentes caminhos que os levaram a lugares diversos. Os filhos de Francisco e D. Maria, contaram com a ajuda do jesuíta Alexandre de Gusmão. Este importante jesuíta "apadrinhou" os filhos de seu amigo, proporcionando-os a base da educação de todo processo do desenvolvimento intelectual.

Francisco Lourenço, o progenitor desta família e amigo deste padre, mais tarde o homenageou, dando seu nono filho para este batizar, e como prova de sua gratidão, ainda deu ao menino, o seu nome: *Alexandre de Gusmão*. Posteriormente, outros três membros passaram a usar o sobrenome Gusmão, prática bastante comum nessa época. A presença deste jesuíta é tão marcante na vida desse grupo familiar, que a Família Lourenço, em apenas em uma geração, passou a ser conhecida como Família Gusmão.

Ao padre Alexandre, foi confiada a educação de vários dos filhos de seu amigo. Estes, passaram parte importante de sua formação no Seminário Jesuítico de Belém, na Freguesia de Cachoeira na Capitania da Bahia. Cabe salientar a importância da educação jesuítica no Brasil Colônia descrita por Arno Wehling e Maria José Wehling:

*"A educação [na colônia] foi, em grande parte obra dos jesuítas. Os colégios da Cia de Jesus - 21 ao todo no século XVIII, mais sete seminários para formação de sacerdotes - ensinavam gramática, aritmética e os demais ensinamentos básicos... Mas a avaliação do ensino jesuítico quase sempre foi feita de modo passional, contra ou a favor, como aliás muito do que se refere a atuação da ordem no Brasil."*¹

Parte importante da formação intelectual de vários membros deste grupo familiar, não resultou apenas da formação jesuítica. Muitas das idéias e pensamentos dos irmãos Gusmão, terminaram de se formar em Coimbra, lugar em que parte dos homens desta família, mais tarde estudaram. Este foi um fator primordial para que adquirissem todos os novos pensamentos e idéias ilustradas da época, mas da forma particular do iluminismo português, que em muito se diferiu do restante da Europa.

A família Gusmão assume um caráter especial, não por ter a maioria de seus filhos pertencentes ao clero, o que era comum na época. Nem por ser uma família com poucas posses, "apadrinhada" por um grande jesuíta, que possibilitou estudo aos seus membros, o que também era comum na sociedade colonial. Mas sim, pelo fato de quase todos filhos de Francisco, após os primeiros contatos com as letras, se desenvolverem, de maneira geral, nas mais diversas áreas do saber.

A maioria, pertencentes ao clero, ou não, desenvolveram-se na literatura; nas ciências, como a física e a matemática, na filantropia, e ainda conseguiram alcançar os mais altos postos do governo Joanino. Estes fatores fizeram da família Gusmão uma das mais importantes do Império Lusitano durante a primeira metade do século XVIII, principalmente até a morte de D. João V em 1750. Pois, Alexandre de Gusmão de 1730 até a morte do monarca, exerceu um dos cargos mais importantes do Império Luso, o de secretário particular do rei.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o quarto numa escala cronológica de doze, nascido em 1685, foi o responsável por "abrir" os caminhos na Europa aos demais irmãos. Conhecido como "padre voador" por ter inventado um aparelho capaz de voar, em 1709, denominado *passarola*, hoje conhecido como "balão de São João". Padre Bartholomeu foi um grande inventor e conhecedor da física e da matemática de seu tempo. Terminou sua vida junto a seu irmão mais novo Frei João Álvares de Santa Maria, em Toledo no ano de 1724, fugindo da perseguição do Santo Ofício.

Apesar deste trágico fim, este padre manteve por muito tempo uma forte ligação com D. João V. Tal fator favoreceu na inserção dos demais irmãos nos mais altos cargos eclesiásticos e políticos, neste último podemos citar Alexandre de Gusmão, único homem desta família a não seguir uma vida religiosa.

Alexandre de Gusmão, nasceu em 1695, foi um grande diplomata e sempre esteve ligado à D. João V, antes de se tornar secretário do rei, Alexandre, apesar de sua pouca idade, mas já conhecido pela sua inteligência, foi secretário da Embaixada Portuguesa em Paris do ano de 1714 à 1719, período onde, principalmente se dedicou aos estudos. Quando retornou à Portugal em 1719 recebeu o grau de doutor em Direito Civil pela Universidade de Coimbra, a partir daí não deixou de prestar serviços à Coroa. Em 1720, em Roma conseguiu que o papa cedesse o título de fidelíssimo ao rei D. João V, pois, segundo o Próprio Alexandre: "*V. Magestade desejava ser tratado (desta forma) para que lhe não levassem nisso vantagem os monarcas de França e Espanha*"².

Finalmente, em 1730 passou a ocupar um dos cargos mais cobiçados do Império Português, o de secretário particular do rei. Como nos diz Salvatori S. Nigro: "*O secretário era o formador do Príncipe*"³ e por muitas vezes, esteve incumbido de assuntos importantes do Império-Luso. Seu grande feito foi a elaboração do Tratado de Madri, em 1750. Até a morte de D. João V, também em 1750, Alexandre foi o responsável, juntamente com o rei, por praticamente toda articulação política das duas últimas décadas do governo deste monarca.

Bartholomeu e Alexandre, não estiveram sós, houve outros membros que desempenharam importantes funções de cunho intelectual e filantrópico, tanto em Portugal, quanto no Brasil. Dentre os quais podemos citar Padre Inácio Rodrigues, um eloqüente e elegante pregador, segundo Afonso de Taunay.⁴

Também é digna de nota a quantidade de sermões, textos científicos, escritos políticos deixados pela maioria de seus membros. Quanto às mulheres desta família, Domingas, Maria e Joana, se casaram, no entanto, Domingas se destacou pelo seu trabalho filantrópico.

Mesmo o primeiro convento na colônia tendo sido fundado na Bahia só em 1664, tendo em vista "a política da Coroa Portuguesa no Brasil desde o início da colonização ... de evitar a fundação de conventos em terras brasileiras devido a questão demográfica"⁵ como salienta Maria Beatriz Nizza da Silva. Ainda assim, as outras três mulheres deste grupo familiar tornaram-se freiras, desempenhando papéis primordiais, para a formação desta nova categoria religiosa no Brasil.

Desta forma, o estudo da Família Gusmão deve ir além da genealogia, que tem seus méritos, mas que se torna incapaz de promover uma visualização de toda uma rede estabelecida dentro e fora desta unidade familiar. Estudar a Família Gusmão é estudar uma família plenamente urbana, com laços ainda não detectados, com o meio rural. Estudar a Família Gusmão é encontrar em dados momentos uma característica da família patriarcal, quando a mesma estabelece redes complexas de parentescos e lealdades⁶, podendo ser caracterizada como uma forma de instituição, com seus valores, seus códigos de conduta e seus ritmos. Estudar a Família Gusmão é proporcionar através de uma biografia familiar, um maior conhecimento da conjuntura política, social e cultural da primeira metade do século XVIII. Período, que de certa forma, com muitas particularidades, ainda deixadas de lado pela nossa historiografia.

Este estudo pretende oferecer uma pequena contribuição ao entendimento do que vem a ser a estrutura desta família que se originou no Brasil, mas que esteve ligada a praticamente todo Império Lusitano. Bem como entender o funcionamento das redes de sociabilidade estabelecidas dentro e fora desta família. Além de também, contribuir para um melhor entendimento da conjuntura política da primeira metade do século XVIII, que por vezes, ficou subordinada apenas, à elaboração do Tratado de Madri (1750). São poucos os trabalhos que analisam o longo reinado de D. João V que durou 43 anos, de 1707-1750.

Analisar os documentos deixados pelos membros dos Gusmão, permite colaborar para compreensão das mudanças ocorridas durante este período, sob a percepção de como estes, vivem o seu tempo e os desafios que lhes eram colocados.

A Família Gusmão deixou de ser uma sem grandes recursos, pois por mais que tivessem influências no Brasil por seu pai ser um fidalgo, esta família passou a ser detentora de grande poder influência perante a Corte e a sociedade Portuguesa, passando a ter membros importantes com uma ligação puramente consanguínea. É a análise dessas relações que impulsiona o trabalho. Cujo, o principal objetivo é demonstrar e analisar o desenvolvimento desta família, nascida no Brasil, e que no entanto, passou a fazer parte dos mais altos círculos intelectuais, sociais, eclesiásticos e políticos do reinado de D. João V.

Outra finalidade a ser alcançada é demonstrar a relação de compadrio gerada entre o padre Alexandre de Gusmão e Francisco Lourenço. Estabelecendo e analisando as redes formadas pelos integrantes desta família, tendo em vista as suas contribuições para sociedade da época. Verificar os motivos que levaram dois membros desta família as barras do Tribunal Inquisitorial, e por fim, analisar a importância de Alexandre de Gusmão em toda política de D. João V.

As fontes utilizadas para execução deste trabalho são documentos oficiais, cartas, escritos particulares de alguns dos membros da Família Gusmão, livros de batismo, processos de inquirição de João Álvares, sermões, e demais documentos concernentes.

Até este momento, foi analisada uma pequena parte da documentação de Bartholomeu de Gusmão, mas é possível perceber que graças a sua forte influência na corte de D. João V, seus demais irmãos foram favorecidos. Além de seus grandes feitos científicos, iniciados ainda na Bahia, com a construção de um moinho capaz de fornecer água para todo colégio, onde iniciou seus estudos, até a construção de sua máquina de voar, a *passarola*. Bartholomeu, sempre foi digno de admiração, tanto no Brasil, quanto no reino, devido a sua grande inteligência e perspicácia de inventor e cientista.

Porém, ainda não foi possível identificar as causas reais de sua acusação pelo Tribunal Inquisitorial. Seu irmão, o Frei João Alvarez de Santa Maria foi processado juntamente com seu irmão mais velho, Frei João retornou à Portugal após a morte de Bartholomeu, e se apresentou voluntariamente a malha inquisitorial, explicando os motivos pelos quais o fez fugir para Toledo. Em documentos encontrados na Biblioteca Nacional, este, alega que estava, simplesmente desempenhando o papel de um bom cristão, visto que, Bartholomeu, estava deficiente de suas faculdades mentais.

Já, as análises das fontes de Alexandre de Gusmão, demonstra todo o seu poder de articulação dentro do Império-Luso, este fator é constatado através de documentações oficiais ou não, pois Alexandre tanto em suas cartas, poemas ou documentos, sempre se mostra como um funcionário da Coroa, mas que nunca esqueceu suas raízes. Sua erudição é confirmada por sua aceitação na Academia de História Portuguesa, instituição criada por D. João V, a fim de fortalecer o absolutismo

e a dinastia da família Bragança. Outro fator demonstrado sempre em sua documentação é a forte ligação de Alexandre com seus irmãos, principalmente, com Bartholomeu.

Quanto aos demais membros da Família Gusmão, ainda não se tem um grande conhecimento das fontes, no entanto, sabe-se que muitos, tanto os homens quanto as mulheres, se sobressaíram na literatura, no clero e na filantropia. Além de sempre terem estado presentes na vida dos personagens mais destacados desta família. Frei João Alvarez de Santa Maria é um forte exemplo disto, visto que, depois de retornar de sua fuga com Bartholomeu passou a ser secretário de seu irmão Alexandre. Porém, ainda resta um montante de fontes a serem investigadas para a melhor compreensão de toda esta complexa família da primeira metade do século XVIII.

¹ Arno Wehling e Maria José C. de M Wehling. *Formação do Brasil Colonial*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1994. p. 287.

² BNRJ, Ms. 03,1,023. Alexandre de Gusmão. Discursos; Pareceres; Aparentamentos Políticos, Históricos e Cronológicos.

³ Salvatori S. Nigro. O secretário. In: Rosário Villari. *O Homem Barroco*. Lisboa: Editorial Presença, 1995. p. 85.

⁴ *Apud* Luis Correia de Melo. *Dicionário de autores Paulistas*. São Paulo: Gráfica Irmãos Andriolis, 1954. p. 145.

⁵ Maria Beatriz nizza da Silva. *História da Família no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 228-229.

⁶ Ver estudos de Casa-Grande e Senzala realizados por Arno Wehling e Maria José C. de M Wehling. In: *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p.236-237.